

No centenário de Raúl Proença:

duas reflexões

MARIA LUÍSA CABRAL *

RESUMO:

A figura de Raúl Proença é sempre associada às Regras de Catalogação. No entanto, Raúl Proença desenvolveu também outras actividades. A revisão da sua colaboração nos ANAIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS é disso testemunho. É o conjunto de todos estes aspectos que o tornam ímpar na biblioteconomia portuguesa.

ABSTRACT:

Raúl Proença is always mentioned for his cataloguing rules. Nevertheless, Raúl Proença carried out a few other activities. A review of his collaboration in ANAIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS shows it clearly. These activities altogether made him a personality within Portuguese librarianship though.

* Bibliotecária. Docente do Curso de Especialização em Ciências Documentais.

I. Raúl Proença bibliotecário: sua actualidade **

Da revisão dos artigos de Raúl Proença, assinados tanto por extenso como usando apenas a abreviatura R. P. publicados nos *Anais* (2.^a série) entre 1920 e 1926, enquanto responsável pela Divisão dos Serviços Técnicos da Biblioteca Nacional, concluímos que:

1. as preocupações evidenciadas não se limitaram às questões de carácter técnico. A organização e gestão da Biblioteca Nacional mereceram-lhe igual atenção;
2. alguns dos problemas equacionados constituem ainda hoje preocupação dos bibliotecários portugueses;
3. o espírito das soluções apontadas estão presentes na prática actual das bibliotecas e mesmo consignadas nas *Anglo-American Cataloguing Rules*, 2nd. ed., abreviadamente designadas por AACR2, bem como nas *Regras Portuguesas de Catalogação*, 1984;
4. durante esse período os *Anais* foram bastante intervenientes, não se limitando à publicação de trabalhos de carácter erudito, em flagrante contraste com o que se verifica com a 1.^a e 3.^a séries;
5. a colaboração de Proença também conta com trabalhos de carácter erudito, geralmente de colaboração com António Anselmo.

1. No artigo «A última reforma da Biblioteca Nacional» (I-III, 1920) são objectivamente mencionados os motivos pelos quais a Biblioteca Nacional se transformou numa instituição ineficaz. A falta de estruturas, a ausência de definição e atribuição de funções e hierarquia, no que isto implica de responsabilização, não permitiram o seu funcionamento no passado. Parafraseando Proença «o seu infelizmente ainda tão pouco complicado mecanismo» é tido como causa impeditiva principal da concretização de obras urgentes. Para Proença só a introdução de três factores poriam cobro a essa inoperância: 1. a divisão do trabalho, entendendo-se este como um conjunto de tarefas complementares entre si; 2. a subordinação dos serviços relativamente a uma direcção a quem caberia apenas apontar metas e coordenar; 3. a existência de um número razoável de funcionários pagos condignamente, os quais permitiriam à Biblioteca Nacional alcançar a «eficiência social» que dela se espera e que a República exige (id., III). A reforma da Biblioteca Nacional representava de facto uma cisão com a rotina estabelecida. Não se tratava de gerir melhor, mas de inovar.

A «eficiência social» referida por Proença significava que os «livros são para os leitores», em oposição à ideia anterior de que, dado o seu alto valor, quanto mais inacessíveis melhor.

** Parcialmente apresentada como comunicação ao Seminário sobre o Pensamento de Raúl Proença, Caldas da Rainha, Outubro de 1984.

Aliás, as ideias que estão na base da reorganização da Biblioteca Nacional, onde as tarefas se deveriam interligar de forma a tornar rentável a cadeia documental em função do leitor (*Idée générale...*, 1923) vão também presidir à feitura das próprias Regras de Catalogação das Bibliotecas Portuguesas, onde transparece a mesma preocupação em servir o leitor «elevando a utilidade do livro à máxima eficiência», de acordo com o princípio de que todo o processo de tratamento deve ter em conta qualquer tipo de pergunta. O catálogo da Biblioteca Nacional deveria transformar-se no repertório mais completo possível da bibliografia nacional (*Idée générale...*, 1923). A gestão da Biblioteca Nacional e as realizações de carácter técnico que dela se esperam não são etapas independentes entre si e o bom nível destas varia na ordem directa daquela. «Causa-nos vergonha, ante a espantosa desorganização da profissão bibliotecária, o exame da mais simples oficina industrial. Tudo ali é rigor, perícia, cálculo, oportunidade, divisão do trabalho; tudo aqui é destrambêlho, acaso, confusão, espantosa infecundidade do esforço. Isto tem que mudar. Uma biblioteca tem que ser, custe o que custar, uma oficina inteligentemente montada» (*Palestra inaugural...*, 1921). Proença apercebeu-se dessa correspondência, tendo certamente presente um cenário político e social mais vasto que a Biblioteca Nacional. Outras provas, aliás, desta mesma atitude política são, por um lado, o processo de consulta às bibliotecas dependentes do Ministério da Instrução para crítica, correcção e uniformização das regras por ele gizadas, as quais não seriam impressas a título definitivo sem a obtenção da resposta solicitada, nem sem antes passarem por um período de experimentação e, por outro lado, o seu regozijo pelo apoio recebido da parte do Director da Biblioteca Municipal do Porto a qual estava fora da área de competência do Ministério da Instrução (*Regras Portuguesas de Catalogação*, I, 1920).

2. Foram seis os objectivos traçados para a Biblioteca Nacional (*A última reforma...*, I), a qual deveria tornar-se em:

- um Instrumento das Investigações Científicas Originais
- o Repositório Geral da Livraria Nacional
- o Organismo Bibliotecário Nacional
- o Depósito do Catálogo Colectivo da Nação
- a Conservatória Nacional do Registo de Propriedade Literária
- a Repartição Central do Serviço de Trocas Internacionais

Isto é, à Biblioteca Nacional eram cometidas diversas acções de centralização e normalização com o objectivo de melhorar os seus próprios serviços, o que traria de imediato benefícios aos seus utilizadores.

No entanto, parece-nos de salientar que a sugestão de converter a Biblioteca Nacional em memória colectiva era a mais audaz e aquela que ainda hoje mantém toda a sua modernidade, não sem que constitua motivo de preocupação. Motivo de grande preocupação entre bibliotecários por-

que revela faltas técnicas e políticas (i. e., decisão) a vários níveis, motivo de grande preocupação entre utilizadores porque a sua ausência dificulta uma investigação clara e objectiva, e mesmo entre o público em geral porque a sua existência só aproveitaria à cultura e património nacionais. A preparação das regras na base de critérios uniformes universalmente aceites tinha como objectivo último tornar exequível o Catálogo Colectivo. Um catálogo colectivo hoje não se fará nos moldes preconizados, uma vez que a informática proporciona novas alternativas, mas a ideia dum levantamento exaustivo, do estabelecimento dum critério consistente no tratamento das espécies, consistência que seria garantida pela aplicação uniforme dum mesmo código de catalogação e de classificação, numa acção centralizadora sobre um património disperso logo desconhecido, continua válida e, infelizmente, por cumprir.

3. Algumas das soluções técnicas sugeridas por Raúl Proença e apresentadas ao Congresso de Paris (Março de 1923) constituíram então novidade e continuam actuais. Aprofundando o seu próprio lema «livres, absolutamente livres da portada» (Regras Portuguesas de Catalogação, II, 1920), é defendida uma execução rigorosa, de carácter prático e útil para a catalogação. Uma das formas de garantir esse rigor seria a adopção do princípio de maior notoriedade na escolha dos nomes dos autores. Este princípio, à época não pacífico mesmo entre os americanos, consiste em fixar como entrada constante nos catálogos o nome pelo qual um autor se tornou conhecido. Ou seja, João Ribeiro e não João Baptista Ribeiro de Andrade Fernandes, Fr. Bernardo de Brito e não Baltasar de Brito de Andrade. Esta orientação vem hoje consignada nas AACR 2, código máximo da catalogação internacional, na Regra 22.1 A: «O critério para escolha da entrada é o nome pelo qual uma pessoa é geralmente conhecida, seja ele o nome verdadeiro, pseudónimo, título de nobreza, apelido, iniciais ou qualquer outra forma». É óbvia a enorme vantagem da aplicação deste critério. Ao garantir a uniformização das entradas reúne-se, no mesmo ponto do catálogo, as obras dum mesmo autor. Se a esta uniformização juntarmos a outra proposta de Proença de que a alfabetação deve ser feita segundo os elementos fornecidos pela obra e não por «apêndices exteriores», sempre subjectivos, poderemos então proceder a uma pesquisa bibliográfica sistemática, logo facilitada do ponto de vista do leitor. Também a proposta de adopção em todas as bibliotecas dependentes do Ministério da Instrução da *Lista das rubricas a empregar no catálogo ideográfico e respectivas remissões* denota um tipo de preocupações idênticas, isto é, só uma aplicação consistente de critérios objectivos e uniformes poderá orientar as bibliotecas no sentido das necessidades do leitor, ou seja, cumprir a ambicionada «eficiência social». A preocupação pela uniformização e pela sistematização de critérios acresce ainda juntar a questão da actualização da ortografia (Regras Portuguesas de Catalogação, II, 1920). A ortografia original manter-se-ia no corpo da ficha (parte descritiva), enquanto no cabeçalho, de autor ou de título, prevaleceria a ortografia vigente, a única que é objectiva, isenta da arbitrariedade do catalogador, logo a única que garante a reunião no mesmo

ponto do catálogo das obras do mesmo autor, facilitando, ela também, a pesquisa bibliográfica. A ortografia serve como elemento de ordenação alfabética e não deve ser tomada como elemento de identificação bibliográfica. Por esta razão, Proença batalhou para que se escrevesse «como se deve» e não «como se entende».

Estavam cumpridos os objectivos das Regras, que oficialmente não designou de «Portuguesas» mas «das Bibliotecas Portuguesas». Talvez importasse aprofundar o estudo das soluções técnicas então encontradas, mas o que nos importa aqui sublinhar é o facto de Raúl Proença ter proposto a sistematização duma tarefa até então sujeita aos humores do catalogador, ter dignificado uma profissão ao definir-lhe objectivos que iam de encontro aos próprios anseios nacionais, ter atribuído a essa profissão uma técnica rigorosa e consistente, e ter revitalizado uma biblioteca quando a pretendeu responsabilizar pela execução duma missão simultaneamente catalizadora e disciplinadora.

A actividade de Raúl Proença como bibliotecário constitui um marco no domínio da biblioteconomia portuguesa pelo empenho que nela pôs, pelas novidades que introduziu e pela maneira como soube articular os vários aspectos duma profissão multifacetada.

II. Raúl Proença e os ANAIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

Não é certamente suficiente a informação que se adquire sobre Raúl Proença bibliotecário quando a sua figura é mencionada nos cursos de biblioteconomia ou na bibliografia a seu respeito para que dele se forme uma imagem clara. A menção do seu nome fica-nos a ideia de que a biblioteconomia portuguesa se divide em duas épocas: antes e depois de Raúl Proença, antes e depois das Regras de Catalogação. Não seremos certamente nós que vamos pôr esta evidência em causa porque não há razão para isso, mas há outros factores que justificam aquela dicotomia. As notas que se seguem ajudarão a caracterizar globalmente o papel de Raúl Proença como bibliotecário.

1. Os ANAIS publicaram-se em três séries (1914-1917, 1920-1949 e 1958-1964). É durante a 2.^a série, ou pelo menos em grande parte dela, que a actividade de Proença é determinante. De 1920 a 1926 em cada número dos ANAIS são vários os artigos assinados por ele, quer utilize o nome completo ou apenas as iniciais, abarcando géneros totalmente distintos e denotando preocupações diversas. A importância desta colaboração não advem, singularmente, do facto do autor ser o próprio secretário da revista, mas impõe-se pelo carácter da colaboração, isto é, pelo tom actual, interveniente, às vezes mesmo, polémico que os seus artigos evidenciam. Se compararmos o período entre 1920 e 1926 com o período anterior ou o seguinte, sentimos que os ANAIS ultrapassaram então um

estilo erudito e académico, adoptando um estilo vivo e dinâmico. Continuam a publicar-se artigos de fundo, os quais exigem investigação (como, por exemplo, a *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, em colaboração com António Anselmo), mas paralelamente o noticiário sobre a Biblioteca Nacional (admissões de pessoal, orgânica e funcionamento da casa), as notícias sobre leilões ou vendas de livros, adquirem um grande interesse e, sobretudo, o direito de serem referidas.

Os ANAIS reflectem durante o período mencionado abertura idêntica àquela que Proença gostaria de ver implantada nas bibliotecas do seu país. As bibliotecas deveriam ser organismos vivos, virados para o público, servindo a causa da república. As bibliotecas e os livros não se podem fechar e, obviamente, um órgão informativo da responsabilidade editorial da própria Biblioteca Nacional tinha a obrigação de divulgar esta linha de pensamento e tentar impô-la. Quanto mais se desmistificasse o ambiente soturno e inacessível, tradicionalmente sinónimos de biblioteca, maiores benefícios a colectividade poderia esperar.

Os ANAIS nessa época tornam públicos debates que noutras alturas não se ouvem (não porque faltem, cremos), num estilo polémico, taca-taca, mostrando claramente que tudo quanto envolvesse a Biblioteca Nacional era do interesse e domínio colectivo. E, por alguns anos, a Biblioteca Nacional conseguiu-o, de facto.

Por outro lado, as «petites histoires» que Proença assina mais não fazem do que desdramatizar o ambiente (demasiado) sério e distante que se atribuía a este tipo de publicações e instituições. A posição era de quem acha necessário atrair os leitores. E isto não se conseguiria certamente com o estilo adoptado anteriormente: esse estilo servia uma elite, não tinha audição nacional. Aliás esta abertura adquiriu mesmo um cariz didáctico o qual é manifesto, por exemplo, nos próprios textos de anúncios que os ANAIS passam a publicar, como no exemplo junto (2.ª série, vol. 1, n.º 1, 1920).

2. A colaboração de Proença nos ANAIS acontece esporadicamente em 1914 (um artigo) e 1917 (outro artigo). Passa a ser regular em 1920, atingindo o auge entre 1921 e 1923. Estas datas referem-se apenas à colaboração assinada, porque muitos artigos (editoriais) e pequenos apontamentos anónimos são, sem sombra de dúvida, da sua lavra. Ousámos avançar esta conclusão pelo estilo directo usado, às vezes contundente, pela actualidade dos temas, pela linearidade e clareza de exposição, pelo tom satírico usado. O que há para ser dito é-o sem peias e, certamente, o próprio secretário dos ANAIS não reservaria o privilégio e responsabilidade do anonimato para outro que não ele próprio. Na sua colaboração encontramos exemplos de tudo quanto seria razoável esperar da pena de um bibliotecário. Trabalhos que exigiram pesquisa e recolha, de que são exemplo os trabalhos de colaboração com António Anselmo, trabalhos que exigiram capacidade de organização e direcção como foi o caso da proposta de reforma da Biblioteca Nacional ou trabalhos que exigiram conhecimentos actualizados no campo técnico, como foi o caso

Todas as Bibliotecas teem necessidade dum Catálogo de Assuntos

Toda a biblioteca que queira servir os seus leitores duma maneira adequada e perfeita — registrar o que possui sobre cada matéria — e montar portanto devidamente o serviço de aquisições, pondo-se em dia em todos os ramos da ciência — tem de elaborar um catálogo de assuntos. A melhor maneira de conseguir esse desideratum é pela constituição dum catálogo alfabético de matérias — o que se chama um catálogo ideográfico. Mas tal trabalho, embora essencial, apresenta graves dificuldades, e consistem elas principalmente na escolha das rubricas — que devem corresponder às classificações científicas actuais, que teem de ser nem tão largas que façam perder ao catálogo toda a precisão e utilidade prática, nem tão restritas que o fragmentem numa verdadeira poeira ideográfica. Dificuldades ainda maiores, talvez, são as da conexão de todas as rubricas pela rede das referências e remissões, trabalho de paciência beneditina que requiere perseverantes esforços, milhares de experiências e constantes alterações, antes de se chegar a uma obra definitiva.

Essas dificuldades serão completamente vencidas, se cada biblioteca tiver à sua disposição uma *Lista das rubricas a empregar no catálogo ideográfico e respectivas remissões*. — É o que a Biblioteca Nacional pode dentro em pouco oferecer aos estabelecimentos congêneres por um preço relativamente módico. Essa lista será impressa em verbetes de cartão, do formato internacional (7,5 × 12,5), sendo os verbetes enviados às bibliotecas que os queiram adquirir, à medida que forem sendo impressos.

Por cada cento destes verbetes, as bibliotecas terão de nos enviar a quantia de 3720 (três escudos e vinte centavos). Este trabalho, completamente novo em Portugal, é feito sobre o catálogo ideográfico da Biblioteca Nacional, sobre o *A. L. A. List of Subject Headings*, e os *Subject Headings da Library of Congress* e do *British Museum*.

Todas as bibliotecas que queiram adquirir a lista ideográfica devem participar-nos o facto imediatamente, para que possamos determinar o número de exemplares de cada tiragem.

das Regras de Catalogação. Ou seja, Proença interveio em três áreas decisivas da biblioteconomia e fê-lo de forma séria e profunda: na investigação/erudição, na gestão e na técnica.

3. Os ANAIS haviam mudado de estilo — em termos de conteúdo e na sua capacidade de intervenção. No entanto, houve também a preocupação de lhe individualizar o rosto. Os ANAIS não tinham um distintivo, e Proença acabou com essa situação ao encomendar a Columbano a preparação do ex-libris. Simbolicamente o ex-libris representa o Poeta salvando *Os Lusíadas*, ex-libris publicado pela primeira vez com o n.º 7, vol. 2, 2.ª série, 1921.

Raúl Proença não pode apenas ser evocado pelas Regras que concebeu. A sua visão quanto ao papel que caberia às bibliotecas desempenhar, a abertura que ele propõe através dos ANAIS, a actividade diversificada desenvolvida não são menos importantes para a imagem que dele a biblioteconomia portuguesa deve guardar.

4. A colaboração de Raúl Proença nos ANAIS foi muito extensa. As referências que se seguem estão ordenadas cronologicamente. Ficamos assim com uma ideia mais precisa do volume e ritmo da mesma.

Por se tratar sempre da mesma revista, abreviou-se o título para *Anais*.

1914 — Organização dos Serviços de Catalogação na Biblioteca Nacional de Lisboa. *Anais...*, 1.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 9-28 (colaboração com José António Moniz e Eduardo de Castro e Almeida).

1917 — José António Moniz. *Anais...*, 1.ª série, vol. 3, n.º 10 e 11, p. 20-25.

1920 — A última reforma da Biblioteca Nacional. I — Ideias gerais. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 19-23.

A alfabetação das rubricas de nomes próprios. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 23-24.

O princípio da maior notoriedade e do nome legal dos autores. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 25-28.

As bibliotecas universitárias de Lisboa. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 40-42.

Um bibliotecário português dos meados do século XIX: Manuel Rodrigues da Silva Abreu, bibliotecário de Braga. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 43-47.

Ad patriam. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, p. 59.

Algumas notas sobre a Bíblia das 48 linhas. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 2, p. 90-91.

A última reforma da Biblioteca Nacional. II — Organização do conjunto. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 2, p. 106-107.

As regras portuguesas de catalogação. I. *Anais...*, 2.ª série, vol. 1, n.º 2, p. 107-109.

ANAIIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

REVISTA TRIMESTRAL DE BIBLIOGRA-
FIA, BIBLIOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA,
BIBLIOTECOGRAFIA, ARQUIVOLOGIA, etc.



Vol. II—N.º 7



JULHO-OUTUBRO de 1921

OFICINAS GRÁFICAS DA BIBLIOTECA NACIONAL
LISBOA

- As bibliotecas populares e o mundo moderno. O que há a fazer em Portugal. Condições prévias da resolução dum grande problema. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 2, p. 109-113.
- Ad coelum et solum. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 2, p. 152.
- Bibliografia dos incunábulo portugueses. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 186-191 (de colaboração com António Anselmo).
- A última reforma da Biblioteca Nacional. III — Funcionalismo e disciplina interna. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 208-210.
- As regras portuguesas de catalogação. II. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 210-211.
- Emprego das maiúsculas e minúsculas. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 212-216.
- Da boa vontade e do bom saber. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 246.
- Uma publicação da Biblioteca... que o não é. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 3, p. 248-249.
- Como se encaderna um livro. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 273-278 (de colaboração com António Anselmo).
- O que pode fazer em Portugal uma grande biblioteca popular. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 290-292.
- A livraria de D. Francisco Manuel. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 302-306.
- Alterações à reforma ortográfica. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 306-307.
- Carvalho Monteiro, o das borboletas e dos milhões. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 307.
- A filosofia de Epicuro e a concepção heróica da vida. *Anais...*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, p. 309-314.
- 1921 — Carta aberta à Sociedade de Estudos Históricos. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 1, p. 45-50.
- As rubricas corporativas na catalogação. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 1, p. 50-60.
- PS da Redacção. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 22 (a propósito de Algumas palavras a respeito do Cancioneiro Colloci — Brancuti).
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 39-43 (em colaboração com António Anselmo).
- Pessoal. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 44 (notícia sobre o falecimento do funcionário Morais e do ingresso de João Farmhouse e de Faria de Vasconcelos).
- O soldado desconhecido. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 72.
- As crianças e os livros. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 72-75.
- Os Anais. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 74-78.

- Tempestade produzida por uma pobres borboletas. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 78-79.
- O amor da profissão e os filósofos franceses contemporâneos. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, p. 79-81.
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 6, p. 119-135 (em colaboração com António Anselmo).
- Uma miserável campanha. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 6, p. 165-166.
- O património nacional. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 6, p. 166-167.
- A matéria em que se regista o passado e em que se prepara o futuro. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 7, p. 194-202 (em colaboração com António Anselmo).
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 7, p. 218-235 (em colaboração com António Anselmo).
- Silvestre Pinheiro Ferreira, escritor de biblioteconomia. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 7, p. 242-247.
- Um inquérito. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 7, p. 250.
- A questão do funcionalismo. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 7, p. 252-257.
- A matéria em que se regista o passado e em que se prepara o futuro. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 8, p. 278-282 (em colaboração com António Anselmo).
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 8, p. 300-322 (em colaboração com António Anselmo).
- Em legítima defesa. *Anais...*, 2.^a série, vol. 2, n.º 8, p. 344-345 (resposta a carta de Borges Grainha).
- 1922 — Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 9, p. 2-29 (em colaboração com António Anselmo).
- Os catálogos de assuntos. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 9, p. 57-61.
- A matéria em que se regista o passado e em que se prepara o futuro. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 10, p. 82-84 (em colaboração com António Anselmo).
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 10, p. 85-104 (em colaboração com António Anselmo).
- Antecedentes e origens da Biblioteca Nacional. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 154-165.
- Reflexões. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 171.
- Variantes de edições. I — Os Diálogos de Arrais. II — Regras da Companhia de Jesus. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 171-172.
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 184-208 (em colaboração com António Anselmo).
- Na Biblioteca Popular. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 216.
- O Curso de Biblioteconomia e Arquivística. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 11, p. 217.

- Variantes de edições. III — Stimulus Pastorum. IV — O Regimento de pilotos de Mariz Carneiro. V — Os Troféus Lusitanos de Soares Albergaria. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 12, p. 250-251.
- Bibliografias das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 12, p. 252-276 (em colaboração com António Anselmo).
- Os plágios da Duquesa de Abrantes. *Anais...*, 2.^a série, vol. 3, n.º 12, p. 282-285.
- 1923 — Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 13 e 14, p. 14-41 (em colaboração com António Anselmo).
- Variantes de edições. VI — O Condestabre de Rodrigues Lobo. VII — A tradução espanhola da Corte na Aldeia. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 13 e 14, p. 41.
- O Congresso de Paris. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 13 e 14, p. 80-87 (em colaboração com Jaime Cortesão).
- Idée générale sur les nouvelles Règles de catalogation des bibliothèques portugaises. In O Congresso de Paris. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 13 e 14, p. 88-112 (em colaboração com Jaime Cortesão).
- Sur quelques travaux de coopération internationale dans le domaine de la bibliographie. In O Congresso de Paris. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 13 e 14, p. 112-113 (em colaboração com Jaime Cortesão).
- Algumas notas sobre vários livros preciosos da Biblioteca Nacional. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 15, p. 148-152.
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 15, p. 153-184 (em colaboração com António Anselmo).
- Um escândalo. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 15, p. 192.
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 16, p. 220-248 (em colaboração com António Anselmo).
- Variantes de edições. VIII — A Europa Portuguesa de Manuel Faria de Sousa. *Anais...*, 2.^a série, vol. 4, n.º 16, p. 252.
- 1924 — Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 5, n.º 17 e 18, p. 23-52 (em colaboração com António Anselmo).
- Na «Numismática em Portugal» escreve o ilustre sr. Dr. Leite de Vasconcelos... *Anais...*, 2.^a série, vol. 5, n.º 17 e 18, p. 67-68.
- Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 5, n.º 19 e 20, p. 118-151 (em colaboração com António Anselmo). Variantes de edições. IX — A Historia de cosas del Oriente de António Centeno. X — A descrição de Espanha de André da Silva Mascarenhas. *Anais...*, 2.^a série, vol. 5, n.º 19 e 20, p. 155.
- 1925 — Estatística dos jornais (J) e revistas (R) portuguesas, relativa ao ano de 1924. *Anais...*, 2.^a série, vol. 6, n.º 21 (trata-se de mapa assinado por R. Proença).
- O Zacuto da Biblioteca de Évora e o da Biblioteca de Lisboa. *Anais...*, 2.^a série, vol. 6, n.º 21, p. 51-53.

Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 6, n.º 22 e 23, p. 81-96 (em colaboração com António Anselmo).

Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 6, n.º 21, p. 19-43 (em colaboração com António Anselmo).

1926 — Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI. *Anais...*, 2.^a série, vol. 7, n.º 25-28, p. 92-97 (em colaboração com António Anselmo).

BIBLIOGRAFIA

- DIONÍSIO, Santana — O pensamento especulativo e agente de Raúl Proença/ Sant'Anna Dionísio. — [Lisboa]: Seara Nova, 1949.
- DIONÍSIO, Santana — As «Regras de catalogação» de Raúl Proença/ Sant'Anna Dionísio. — *O Primeiro de Janeiro*, Ano 78 (118), 1 de Maio de 1946.
- MARTINS, Maria Isabel — Considerações acerca duma «Circular» de Raúl Proença/ por Maria Isabel Martins. — *Revista da Biblioteca Nacional*, 1 (2) 1981.
- PEIXOTO, Jorge — A guinada de Raúl Proença/ Jorge Peixoto. — *O Comércio do Porto*, 28 de Abril de 1964.